



# JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.



## MODAS



Pouco tenho a dizer-vos hoje, querida leitora. A primeira semana do mez de Novembro é geralmente a semana de luto, de saudades e de pranto. A commemoração dos mortos que a nossa igreja solemnisa logo no segundo dia do mez; essa visita grave e saudosa que fazeraos á campa dos nossos mais intimos amigos, daquelles por quem tudo dariamos em troca de sua prezada existencia; nos deixa ficar em silencio, em concentrada reflexão por horas prolongadas no pensamentear do nada deste mundo!

É pois uma semana geralmente tida por tristonha e pesada; e realmente assim é.

Não obstante, porém, a Moda, essa rainha soberana dos toucadores, deusa voluvel e caprichosa, que tanto mais é adorada quanto maior é a civilisação dos povos, elegante e gentil vai delineando seus lindos diversos vestidos de verão, seus encrespados e ondantes penteados, seus mil enfeites graciosos, e suas commodas dispo-

sições, para atravessar prevenida o ardente calor dos tres proximos mezes no Rio de Janeiro.

A estampa que vos offereço hoje representa dous destes elegantes *toilettes* de verão; e posto que não revelem novidade alguma no talhe do corpo e saia, cujos enfeites são variados, contudo nas mangas ha o quer que seja de moderno, se notarmos as mangas do vestido de passeio da figura que tem a menina pela mão. Ha um *distingué* gracioso nesta novidade.

A saia côr de rosa, bordada de *quipure*, do vestido da primeira figura, é linda. Mas algumas das minhas queridas leitoras provavelmente não conhecem este bordado. A culpa é minha. Tenho fallado algumas vezes da *quipure*, e mesmo do bordado *quipure*, sem dar a devida explicação; agora (mais vale tarde que nunca) aproveito a occasião de fazel-o; e permitta Deus que o faça de maneira que me entendais.

O bordado *quipure* faz-se em filô, em seda,

setim, ou em qualquer outra fazenda. Em outros tempos, e creio que ainda hoje, as antigas senhoras chamavam *picado* a este bordado; mas então só fazião-no da mesma côr e do mesmo panno, e servia para barras de saia branca ou toalhas. Hoje, este mesmo trabalho, com a differença de nome, faz-se com mais gosto, e mesmo mais perfeito; mas a sua distincção está em ser de duas côres, que o tornão lindissimo.

É um trabalho delicado e ao mesmo tempo curioso, porém muito mais facil que o antigo *picado*.

Queremos, por exemplo, abrir em tafetá verde um bordado em *filó branco*: desenharemos em primeiro lugar o bordado sobre o tafetá, e depois alinhavaremos por baixo uma barra ou tira de filó proporcionada á largura do bordado. Feito isto, passaremos por todo o desenho um *alinhavinho* miúdo, sómente, ou acompanhado de *trancelim*, que fica mais bonito; e, ultimado este processo, iremos abrindo o tafetá com uma pequena tesoura, e cortando todos os pedaços que nos parecerem desnecessarios ao bordado. Immediatamente apparecerá o filó que está por baixo, e representará tantas figuras quantas tivermos abertos no tafetá, tornando-se desta fórma um magnifico bordado.

É este pois o bordado *guipure*. A renda segue o mesmo processo, e por isso chama-se *guipure*, que quer dizer — renda com bordados de seda.

Para vos desenhastian desta extensa explicação, passarei em continente a dar-vos noticia de alguns lindos vestidos que vi, pertencentes ao riquissimo enxoval da Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Car... de V., preparado na casa Barat.

— Um vestido para passeio, de barege pardo, com tres folhos ornados de listras de seda azul tecida no mesmo barege: corpo de basquine, afogado, aberto adiante, em quadrado, enfeitado de facinhos de fita estreita chamados *papillons* ou *farfadets*; as mangas compridas, largas, enfeitadas de dous folhos de barege, com as mesmas listras de seda azul: a manga em baixo tallhada em bicos, enfeitados de lacinhos *papillons*, cahindo sobre os folhos: modestia afogada e sub-mangas de caça bordada.

— Um outro vestido, de barege branco, com tres folhos da mesma fazenda de graciosa barra escoceza; corpo de basquine afogado, aberto e preso adiante por laços de fita escoceza: manga comprida, toda de fofinhos de renda e fita.

— Um vestido de grenadine, côr de castanha,

com tres barras, á disposição, escocezas, graduadas até acima: corpo afogado, aberto adiante, sem basquine, abotoado atraz, todo enfeitado adiante de *brandebourg* (almares), de fita escoceza franzida, á *la veille*, principiando de baixo do corpo até acima, passando sobre o aberto, porém deixando apparecer uma linda modestia afogada, de renda de applicação: mangas um pouco curtas, enfeitadas de fita, á *la vigille*, e sub-mangas em fofos de renda de applicação.

— Um vestido de seda preta, de folhos recortados a ferro; corpo afogado, de basquine, enfeitado de *guipure* bordada de vidrilho.

— Um outro para visitas, de *moire antique*, preta, lavrada de ramagem azul; saia lisa; corpo de basquine afogado, aberto e guarnecido de renda preta de *Chauilly*, bordada de perolas azues: mangas compridas, enfeitadas com a mesma renda: camisinha aberta e sub-mangas de ponto de Inglaterra.

Quatro lindas e graciosas toucas para de manhã, compostas de caça bordada e renda, enfeitadas de fita.

## DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE MEIO TOILETTE. — Vestido de tafetá côr de rosa: a saia toda bordada de *guipure*; corpo afogado e liso, com um bordado *guipure* formando a modestia afogada. Sobre este corpo afogado, um segundo corpo decotado, justo atraz, e moldado á grega adiante. Cintura redonda, envolyda em uma fita côr de rosa, presa no meio por um laço de pontas soltas. As mangas são de filó de renda branca, formadas de tres fofos separados por entremeios de renda; no ultimo entremeio, em baixo no punho e uma renda cahida sobre a mão formando *manchettes*. A dragona em cima é de nobreza côr de rosa, toda bordada de *guipure*, e tallhada aos lados, para deixar apparecer o primeiro fofa de cima.

Penteado composto de uma barba de *guipure*, ornado de rosas vivas e fitas, sobre bandós muito ondeados.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Vestido de nobreza: saia guarnecida de cinco folhos graduados; corpo afogado, aberto adiante até á cintura e fechado por um laço de fita; cintura redonda; meias mangas curtas. Os folhos, as mangas e os revezos do corpo, são enfeitados com uma fita de veludo preto tallhada em bicos, que sobre a côr do vestido produz um bello effeito.

Camisinha com colarinho de caça bordada, e enfeitada de lacinhas de fita estreita chamados *papillons*; sub-manga de caça bordada, enfeitada com os mesmos lacinhos, augmentada com um punho alto e justo, abotoado ao lado.

Chapéu de grade, de crina amarella e seda branca, enfeitado de fita azul. A aba muito curta, deixando apparecer os bandós, e enfeitada por dentro de blonde e flores.

VESTUÁRIO DE UMA MENINA DE SEIS ANNOS.  
— Vestidinho de tafetá branco: corpo decotado, franzido, e mangas curtas; saia enfeitada de tres folhosinhos recortados e guarnecidos de uma franja muito estreita, chamada *éfilé*, tom-pouce.

Calcinha de caça, guarnecida de entremeio e renda valenciana.

*Pelisse* de tafetá azul, enfeitada de franja e lacinhos de fita.

Chapéu de palha, com a aba muito aberta, chamada *auréole*, toda enfeitada de fofos de filó e lacinhos de fita de veludo escarlate.

Cattete, 4 de Novembro.

Christina.

## ROMANCE.

### UMA SO' PAIXÃO

## DOUS CASAMENTOS POR AMOR.

(Continuado do n. 44.)

« Entretanto, a saúde do conde ia-se restabelecendo sensivelmente. Eu tinha conseguido elevar entre a sua vida passada e a sua vida presente a barreira impenetravel do esquecimento.

« Era, pois, tempo de jogar o ultimo lanço, *submitter* a uma prova definitiva esta cura tão bem delienada: em uma palavra, reunir Alfredo e Rosina.

« Preparei tudo para uma partida em que eu queria que a experiencia tivesse logar. Convidei para ella algumas pessoas com quem o conde de Marné tinha convivido antes do seu casamento, afim de que, antes que tudo, renovasse o seu conhecimento com ellas; queria esclarecer-lhe pouco a pouco a intelligencia, e preparal-o assim á emoção decisiva, cujo resultado seria irrevogavel. Ah! é preciso dizel-o, eu mesmo recuava diante desta hora suprema, porque a conval-

cença de Alfredo podia ser apenas um lethargo enganador.

« Era talvez abriç-lhe muito cedo os olhos.

« Mas o que havia eu fazendo? Já tinha decorrido um anno. Rosina desolava-se desta espera sem fim, e pedia-me que me compadecesse della. Não pude resistir por mais tempo; marquei o dia, Rosina chegou primeiro.

« É impossivel imaginar um acto mais tocante do que o que apresentavão as attentões e obsequios, com que Rosina foi recebida por todos os assistentes de um e de outro sexo. Nunca vi em parte alguma heroína que fosse mais festejada. Fil-a sentar na cadeira que estava mais longe da porta da entrada. A sua mão estava fria: ella mal podia respirar e suster-se. Lançou um olhar furtivo para esta multidão que avidamente a contemplava, e em todos os olhos leu esta palavra magica:

Esperai!

« Bem quizera ella dar um signal de agradecimento; mas o seu coração estava cheio, o seu peito opprimido.

— Animo! Disse-lhe eu em voz baixa.

« Ella respondeu-me com um sorriso angelico:

— Não me faltou para o soffrimento, tel-o-hei para a felicidade.

« Sahi da sala promettendo voltar immediatamente com o doente. Desde então uma anciedade devastadora pesou sobre todos os pensamentos. Todos esperarão em silencio, e como que não ousando mesmo respirar.

« Apareceu emfim o conde de Marné. Um estremeccimento imperceptivel percorreu toda a assemblea. Apresentei-lhe dous ou tres dos seus antigos amigos. Conheceu-os perfectamente, e conversou com elles com muita facilidade e espirito. Sua conversação, desembaraçada e lucida, manifestava uma justeza e precisão de memoria verdadeiramente maravilhosas.

« A alegria brilhava em todos os rostos.

« Alfredo deu algumas voltas pelo meio do circulo. Pareceu que os convidados tratavão entre si algumas conversas particulares, mas na realidade toda a attenção se dirigia mysteriosamente para elle. Passou muito tempo com a maior tranquillidade e indifferença; depois folheou os albuns e os cadernos de musica que estavam sobre a mesa. Finalmente deu com os olhos em Rosina.

« Pareceu então entregar-se á uma penosa preocupação. Levantou-se em silencio, e foi sentar-se justamente de frente della.

« Rosina fez um leve movimento para correr para elle; mas encontrou o seu olhar frio e severo, e abaixou os olhos.

« Manifestou-se em todos os semblantes um indizível susto. Julgou-se que Alfredo meditava uma vingança. Só Rosina ficou tranquilla, immovel, resignada.

« Os meus receios erão fundados. O mal do conde tinha degenerado em monomania.

« Rosina, branca e fria como o marmore, com as mãos postas por effeito de uma contracção nervosa, não ousava levantar mais a cabeça, com medo de tornar a encontrar este olhar secco e carregado que a fazia morrer. Era pre-

eiso a todo o custo arrancal-a deste supplicio, furtal-a á esta fascinação.

« Maudei vir mesas de jogo, fiz estrôndo com as cadeiras arrastando-as e batendo umas contra as outras, e pedi á uma senhora que preluhasse com força no piano. Esta repentina buíha fez o effeito que eu esperava. Alfredo veio apressado para o meu lado, e com um tremor convulso mostrou-me a condessa de Marné.

— Esta mulher é bem linda! Não se parece com a minha pobre Rosina? Oh! dizei-me o seu nome, doutor, dizei-me o seu nome.

« A verdade tel-o-hia de certo matado. Recibi uma inspiração do Céu, e respondi-lhe a todo o risco.

— O seu nome?... Henriqueta de Lurval.

« Tirou a carteira e escreveu: *Henriqueta de Lurval*, e desapareceu.

« Corremos todos para junto da condessa, e prodigalisámos-lhe todos os desvelos; ella estava desmaiada, e seus beiços roxos apenas articulavão alguns vagos lamentos e confusos gemidos. Quando abriu os olhos, lançou para as senhoras que a sustinão um olhar amortecido e desesperado que queria dizer — obrigado. Pondo depois a mão sobre a sua cicatriz, e voltando-se para mim, disse a custo:

— Oh!ai, doutor, esta ferida doeu-me menos.

« Erão horas de recolher. Rosina manifestou o desejo de estar só. Alfredo, mettido no seu quarto, relia sem cessar o nome que havia escripto na carteira, e estava dominado por uma violenta agitação. Só se deitou alta noite.

« Logo de manhã a condessa veio procurar-me.

— Doutor, disse-me ella, mallogrou-se a vossa empreza; não recieis que vos ponha a culpa. Reconheço que fizestes em pratica tudo quanto a sciencia e a amizade podião fazer. A idéa de uma reprehensão não poderia entrar em minha alma. Assim pois, só tenho a fazer-vos uma rogativa: deixai que junte os meus aos vossos cuidados. O que peço é um pequeno logar entre vós e elle. Quando julgardes que a minha presença poderá ser-lhe util, chamai-me; quando virdes que ella se torna nociva, mandai-me sahir. Mas, ao menos, habitarei na mesma casa em que elle habitar, respirarei o mesmo ar que elle respirar. Por piedade não exijais uma segunda separação.

« Consenti em tudo quanto Rosina queria. Porém exigi, como primeira condição para a sua residencia em Mont-d'Or, que ella aceitasse o novo baptismo por que eu a havia feito passar na vespera por minha propria autoridade. Rosina de Marné passou a chamar-se Henriqueta de Lurval.

« A nossa existencia tomou desde este dia uma direcção inteiramente nova, e a doença do conde revestiu-se de um caracter de poesia verdadeiramente admiravel.

« Não houve uma só pessoa no Mont-d'Or que se lembrasse alguma vez de tomar por doudo este bello mancebo, cuja linguagem era tão cheia de circumspecção e de dignidade.

« A sociedade de Henriqueta tornou-se-lhe indispensavel; estava sempre junto della. Henriqueta mesmo, cuja alma comprehendia toda a qualidade de sacrificios, tinha sabido crear um

simulacro de felicidade, tinha achado o meio de se crer feliz.

— Ver Alfredo, dizia-me ella, ouvil-o, acompanhal-o, ficar sendo sua amiga e sua irmã, eis o que eu ambiciono. D'ora-avante a minha vida consistirá nisso.

« Eu estava longe de ter a mesma certeza que a condessa tinha. O que ella via como seu amor, julgava-o eu com a minha razão, e tudo me agoujava uma crise imminente. Pouco tardarão em confirmar-se as minhas previsões.

« O conde quiz um dia fallar-me a sós. Levou-me para o fundo de um valle; pediu-me que me assentasse ao seu lado; e, estendendo-me a mão, disse:

— Tenho de fazer-vos uma confiança. Vós e Deus sereis os unicos depositarios della. Todo o tempo que me resta de vida dependerá da decisão que vou tomar. Ouvi-me.

« Aproximei-me mais; e elle continuou:

— Ninguém melhor do que vós sabe se eu amei Rosina. Ella occupou aqui um logar que potencia alguma poderia roubar-lhe. Matei, é verdade, a esposa infiel; mas nem por isso a memoria da amante deixará de existir inteira no meu coração. Rosina foi a estrella da minha vida; embora esta estrella perdesse um tanto ou quanto de seu brilho, vel-a-hei sempre pairar por cima da cabeça como o signal perdido da minha ventura passada. Depois da sua morte, doutor (esta lembrança é horrivel), depois da sua morte, vós o sabeis, considerei-me como eliminado do mundo. Fatigava-me a luz do sol; já não sentia a vida. Tinha-me tornado igualmente insensivel aos prazeres e ás dores desta terra. Proseguia na existencia sem ter um fim e sem alimentar desejos, fechando os olhos e os ouvidos á todas as bellezas e á todas as harmonias da natureza. Cria sinceramente que este estado duraria sempre, e que o romance do meu amor, começado pela pessoa de Rosina, devia acabar com ella. Mas não aconteceu assim: abriu-se diante de mim um novo horizonte. Minhas azas querem soltar-se ainda, meu coração recomeça a bater. Entretanto, meu Deus! eu tinha jurado que mulher alguma substituiria Rosina; eu tinha convertido o meu culto para com ella em uma arca santa, na qual prometti solemnemente não tocar. Mas falta-me este valor. É a primeira vez que a lembrança de Rosina se torna impotente. Doutor, não adiviniais o que eu quero dizer?...

Amo Henriqueta de Lurval.

« Dissimulei o melhor que pude a minha surpresa ao ouvir esta estranha declaração do conde de Marné. Tentei moderar a sua exaltação e apresentar-lhe este projecto debaixo de um ponto de vista menos romanesco e mais bem assentado. Ouvi-me com reconhecimento e ficou penhorado dos conselhos que lhe dei. Consegui persuadil-o de que o seu casamento com Henriqueta não prejudicava em cousa alguma a memoria de Rosina, e que este segundo amor, longe de causar o menor aggravamento á sua primeira paixão, apresentava, pelo contrario, diferentes afinidades com ella. Deixei-o pois perfeitamente bem disposto.

« O caso era urgente. Corri á casa do cura,



*Jules David*



LE MONITEUR DE LA MODE

Modes de la Saison 1860. Paris, le Boulevard, 2. Coiffure de M<sup>lle</sup> Mathilde (M<sup>me</sup> Duchesne, 2, Richelieu, 29).  
Costume d'Opéra de M<sup>lle</sup> A. Gossy. Anonyme. Bout des Capucines. Fleurs de Séverin Petit et C<sup>ie</sup> rue de la Bourse.  
Coiffure de M<sup>lle</sup> Hippolyte et de la Rue. Bijoux. Quant. Essentiels de Wagner. Saboullée, Richelieu, 31. Coiffure  
des Salles de France. Anonyme. Obispo de Roumanne et 4<sup>me</sup> de la Coiffure, Honore, 9.

Paris, Rue, Richelieu, 92.

porque tinha precisão do seu ministerio. Con-  
tei-lhe brevemente o facto, e perguntei-lhe se  
me queria ajudar.

— A sciencia, disse-lhe eu, illude as difficul-  
dades quando nao podem vencel-as. É uma ma-  
xima que me vejo forçado a adoptar hoje. Não  
soube curar a monomania do conde de Marné,  
mas offerece-se a occasião de dar a esta monomania  
um caracter official e razoavel. Elle jul-  
ga-se viuvo, e quer justamente casar com sua  
mulher. Aproveitemos quanto antes este capri-  
cho, para obstar que tenha algum outro que  
a lei nao possa satisfazel-o.

« O cura, sacerdote tolerante, e, além disto,  
excellente homem, aventurou algumas objecções.  
Tornar a casar dous esposos por uma receita de  
medico, parecia-lhe uma acção, senao reprehensivel  
em si mesma, pelo menos aos olhos da reli-  
gião.

« Gastou metade de um dia a explicar-me a  
sabedoria dos estatutos da igreja, e deste prin-  
cipio eterno: *Non bis in unum*.

« Para lhe desvanecer os escrupulos convidei-o  
a ir consultar o bispo da diocese.

« Cedeu aos meus desejos; eu mesmo fui en-  
tender-me com o prelado, e, no fim de oito dias,  
o bom cura recebeu da sede episcopal a autori-  
sacção que desejavamos com tanto ardor.

« Estes oito dias forão um longo seculo para  
a condessa. Eu não quiz dar-lhe uma nova es-  
perança senão quando tudo estivesse disposto  
para realizal-a. Ella desesperava com o meu  
silencio.

« Finalmente, quando tudo estava bem concer-  
ta-lo, bem concluido, tomei-a de parte e disse-lhe:

— Escolhei no vosso enxoval de casada o mais  
bello vestido que tiverdes e os mais ricos en-  
feites. Esta noite haverá aqui grande funcção, e  
neste momento arma-se e illumina-se por vosso  
respeito o altar da igreja.

« Rosina não me comprehendia.

— Ide, ide vestir-vos de noiva, ser-vos-ha  
restituido d'aqui a pouco um dos vossos nomes...  
não o de Rosina... Rosina morreu; mas sereis  
ainda mais uma vez condessa de Marné!

« Com effeito, nessa mesma noite Alfredo de  
Marné e Henriqueta de Lurval receberam a  
benção nupcial na capella de Mont-d'Or. Depois  
desta singular reconciliação, estabelecerão-se  
definitivamente no Delphinado.

« Alfredo falla mais raramente de Rosina, e  
crê firmemente que se casou duas vezes.

« Henriqueta nunca o deixa; serve-lhe de  
irmã, de amante e de familia. Ella vê bem que  
a felicidade de seu marido é um sonho que a  
menor imprudencia poderia desvanecer, e está  
sempre de sentinella junto d'elle, como um pai  
ao pé de seu filho. Acalenta-o docemente na sua  
loucura. É o anjo da guarda que o livra dos  
ataques mortaes; e quando uma boca indiscreta  
se abre por acaso para dizer diante d'elle uma  
palavra que possa avivar suas lembranças ou  
pronunciar um nome que não deve tornar a  
ouvir, ella exclama assustada:

— Sentido!... elle dorme, não o acordem!

Tal foi a narração que nos fez o doutor.

Durante esta narração, tinham-se suscitado

tantos embaraços ao par cantor, que o cavalheiro  
e a dama estavam ainda no primeiro compasso.

Desta vez porém, elle parecia decidido a vencer  
todos os obstaculos, e articulou estas tres pa-  
lavras: *Dunque in ton*, com um notavel denodo.  
Terião de certo continuado no mesmo tom até  
ao fim senão tivesscm dado — dez horas — no  
relogio da casa.

Nos banhos d'Uriage é o signal de despedida.

Todos sahirão. Quanto a mim, procurei com  
os olhos o conde e a condessa de Marné. Estavão  
ainda assentados um ao pé do outro. Fitavão-se  
mutuamente os olhos, e suas mãos estavam juntas.

— Como são felizes! Disse eu ao doutor.

— Estais enganado, respondeu elle abanando  
tristemente a cabeça. Não completamente fe-  
liz, nem um, nem outro; o conde de Marné não  
se esqueceu ainda, junto de sua segunda mulher,  
da felicidade que lhe deu a primeira: elle chora  
o passado. Quanto a Henriqueta, ella não se il-  
lude: sabe que de futuro, faça o que fizer, será  
sempre a segunda no coração de Alfredo... Acre-  
ditai-me, a pobre mulher soffre muito....

Henriqueta tem ciúmes de Rosina!



## POESIA.

### O LOGAR MAL ASSONBRADO.

N'uma casinha isolada,  
Perto de um bosque frondoso,  
Morava pobre mulher  
Com seu filhinho formoso;  
Era o menino tão manso  
Como um cordeiro mimoso.

De noite, á luz das estrellas,  
Ella cantava chorando,  
O lindo filho dormia  
N'um berço se embalando;  
E a fontesinha corria  
A cantiga acompanhando.

Seis mezes já são passados  
 Que seu marido morreu,  
 A pobre, sem ter amparo,  
 Toda queixosa gemeu;  
 E o seu gemido de dor  
 Junto ao bosque se perdeu.

Uma noite um peregrino  
 Bateu-lhe á porta pausado,  
 Abriu-lhe a triste, e lhe disse:  
 — Entrai n'um mão gasalhado,  
 Se muitas leguas andaste,  
 Deves estar mui cansado.

Entrou tremendo de frio,  
 Foi sentar-se no fogão.  
 Deitou d'um lado seu fardo,  
 Deitou tambem seu bordão.  
 E suspirou tão magoado  
 Que fechava o coração.

O pequenino no berço  
 Em seu somno deu um — ai.  
 Volveu-se afflicto tres vezes,  
 Tres vezes disse — papai;  
 E o peregrino bradou-lhe:  
 — Vosso filho acalentai.

Horas mortas — pouco a pouco,  
 O peregrino cresceu,  
 Foi direito ao triste leito  
 Onde a pobre adormeceu,  
 E lhe beijando os cabellos  
 A mulher estremeceu.

Abriu seus olhos tremendo,  
 Suando a pobre gritou,  
 Sorriu-se o negro fantasma,  
 Com rouca voz lhe fallou:  
 — Sou teu marido. « Meu Deus! »  
 — Vens tu commigo? « Se vou! »

E o pequenino no berço  
 Soltou em magoas um — ai,  
 Volveu-se afflicto tres vezes,  
 Tres vezes chamou — papai;  
 E o pai sorrindo beijou-lhe,  
 Dizendo — filho, calai.

Quando rompeu a alvorada,  
 Bem cedinho n'outro dia,  
 Sobre o leito a desgraçada  
 O somno eterno dormia!  
 No berço — morto o menino,  
 Tinha um riso de alegria.

De então p'ra cá, viandante  
 Ali não pôde passar;  
 A terra é mal assombrada,  
 Faz a gente se aterrar.  
 Ouvem-se tristes cantigas  
 Quando é noite de luar.

Vê-se o berço que balança,  
 Um lindo anginho chorando,  
 Uma mulher de joelhos  
 Que vai sentida cantando;  
 E n'um cepo, ao pé do fogo,  
 Um peregrino seismando.

*Leandro de Castilho.*



## CHRONICA DA QUINZENA.

Dia 23 de outubro. — Grande festa de N. S. da Penha. Festa de N. S. das Dóres, na freguezia do Santissimo Sacramento. *A Emancipação das Mulheres*, comedia em cinco actos, original brasileiro do Sr. Dr. Castro Lopes, no theatro de S. Pedro.

Dia 24. — *A Emancipação das Mulheres*, em Santa Thereza.

Dia 25. — *O Captivo de Fez*, em S. Pedro, em beneficio de N. S. dos Prazeres, da irmandade de Santo Antonio dos Pobres. *Ernani*, no Provisorio. Sessão no *Gymnasio*.

Dia 26. — *O grande rei do fogo e Manias do Seculo*, em S. Pedro.

Dia 29. — *Baile da Recreação Campestre*.

Dia 30. — *Rei do fogo, e Techly*, em S. Pedro.

Dia 31. — *Harmonia Nictierohyense. Lombardos*, no Provisorio. Justiça do jury!

Dia 1.º de Novembro. — Ganchei uma aposta, realisando-a nesse dia, em attenção a S. Nunca.

Dia 2. — Grande commemoração dos mortos.

Dia 3. — Beneficio do Sr. Pislser, com o *trifite mysterioso*, e *os Tres Amores*, em S. Pedro.

Muito admiraria eu, leitoras, as africanas temerarias de Mr. Pislser, se não me achasse habilitada tambem a executa-las.

Qualquer de vós faria o mesmo, se um preservativo contra as chammas possesse vossas carnes a salvo das torturas do fogo.

Graças ao Céu, que finalmente assumiu ao tablado mais uma comedia brasileira; mil louvores ao Sr. João Caetano dos Santos. E' sómente desse Sr. que está pendente a apparição desses talentos, que aliás continuatão em sua reserva, pois que com estímulo o Sr. João Caetano poderia conseguir um excellento repertorio brasileiro.

Reflexionamos desta maneira, e damos louvores ao Artista insigne, porque nos consta que elle propozera á alguns moços que se dedicação ao drama, organizar uma associação para esse fim, collocando-se á testa della, dando o assumpto

para o fabrico das mesmas peças; e premiando aquellas que merecerem a preferencia.

A intelligencia dos nossos patricios e a fertilidade dos factos contemporâneos dos nossos heróes; são bem capazes da promptificação de um repertorio dramatico, tão variado e sublime por sua originalidade, como esses da Europa de que ainda lanção mão os empresarios dos nossos theatros, que só curião de traducções. Elles muito poderião fazer; porém.....

Agora, queridas leitoras, vamos fallar um pouco de uma dessas reuniões, que não só recreião a vista, como o espirito. Não penseis já que queremos fallar de uma desses pomposos bailes, onde no delirio de uma valsa; na attracção de uma schottisch, ou nos requebros de uma polka, algumas d'entre vós terá, por certamente esquecido mais de uma vez, os vossos bordados, os vossos dedaes, e, se é possível, tambem os santinhos de vossas devoções, pendurados á cabeceira de vossos leitos. Não, a reunião de que vos fallamos, é uma dessas reuniões de pessoas de amizade, todas conhecidas, emfim, uma reunião de familia. Se soubesseis que no primeiro dia deste mez (por signal que era dia de todos os Santos), o Sr. Santos, consorte desta vossa chronista, reuniu em torno de si, na nossa habitação, que não chamarei poetica, para não me chamardes de vaidosa, um pequeno numero de jovens de reconhecidas capacidades, homens de letras, amigos da sciencia e da litteratura; se ouvísseis a conversação animada, os pensamentos que rapidamente se succedião, e que, ora tocando a região celestial, ora descendo aos verdores das campinas, e algumas vezes divagando incertos, como a nuvem perdida na vastidão do espaço; se os ouvísseis todos, e sentísseis um a um vos fallando ao coração com encanto, mysterio, elegancia e pureza, certamente que diríeis que de reuniões taes, resultão reaes proveitos, unidos ao gozo de innocentes prazeres. Não erão estes jovens, desses cavalheiros insipidos, que apenas se collocão á vossa esquerda para dançar uma contradança, principião desde o movimento do primeiro compasso até o final, a tecer em frases estudadas de antemão, o panegyrico de vossos bellos cabellos, dos lindos olhos, dos cilios que os guarnecem, de vossos labios, vossos dentes, e até da costureira e da en-gommadeira, que preparou o vosso vestido, sé por infelicidade vossa, elle não é de escolhida seda! Não, com esses de que vos fallo, a conversação seria outra. Mas infelizmente, queridas leitoras, para cavalheiros desta tempera, não são innumeraveis os pais que mandão educar as suas filhas, afim de poderem com elles sustentar uma conversação que não tenha por assumpto uma frivolidade. Mas deixando de lado estas observações, creio que ainda não vos disse que o motivo que deu causa a esta reunião, era por ser o 1.º de Novembro, o dia anniversario do natalicio do Sr. Santos Neves, que como deveis saber, é pessoa intimamente ligada á redactora deste *Jornal*. Ora, leitoras, depois de muito se enter a imaginação, depois de soar em nossos ouvidos algumas peças de musicas executadas ao piano, e mesmo depois de um indispensavel *carte*,

« *Deu signal a trombeta castelhana!* »

isto é, sóou a hora do jantar, que aqui para nós, e muito em segredo, foi um pouco tarde.

Ao trocarem-se saúdes allusivas ao dia, ao trazerem-se á recordação algumas scenas do passado, coube ao Illm. Sr. Domingos Manoel de Oliveira Quintana Junior, a iniciativa de ser o primeiro em brindar ao festejado com uma sua producção poetica.

Eu a transcrevo, queridas leitoras, tal qual se acha no original, pois nisso julgo dar-vos prazer.

## UMA LEMBRANÇA.

ODE

O. D. C.

*Ao Illm. Sr. Antonio José dos Santos Neves  
meu muito prezado amigo.*

Em doce inspiração, com estro acceso,  
Se a Patria requeresse um canto amado,  
O plectro empunharia, e resolutio  
Cantára mesmo ousado!

Ao cume alcantilado dos rochedos,  
Em noite vaporosa, calma e triste,  
Iria, por amor, cantar amores  
Amor que n'alma existe!

Não temêra do mundo os vis algozes,  
Se um canto despeitado a minha lyra  
Mandasse a nobres vis, homens sicarios,  
Do estro que m'inspira!

Co'a fronte altiva, requintando o orgulho,  
Ao Monarcha cantára sãs verdades;  
Não tremêra-me o plectro, se dos grandes  
Mostrasse as falsidades.

Mas cantar-te, AMIZADE? Dom celeste,  
Filha da razão, estrella d'alma,  
A ti, que no meu peito tens morada,  
Que d'ELLA tens a palma?.....

Mas cantar-te, tremendo de receio  
Que falte ao estro meu, para agradar-te,  
Lindos cantos gentis, frases sublimes,  
Que possão captivar-te?

Mas cantar-te? Oh! Que sim! Cantar-te devo,  
Não em versos gentis d'uma canção:  
Canta amigo fiel ao fido amigo  
Na voz do coração!

Accita no meu canto pois minh'alma,  
E n'ella cada verso á ti propicio,  
Cada verso saudando o anniversario  
Do feliz teu NATALICIO!

Accita!... E guardando na memoria  
Esse tempo da infancia p'ra nós findo,  
Lembra á ESPOSA que Osmindo amou Aonio,  
Que Aonio amou Osmindo!



E um abraço dado pelo obsequiado ao obsequiador foi a mais expressiva retribuição que pôde receber o Sr. Quintana Junior. Erão dous poetas amigos, dous amigos irmãos que se abraçavão!

Seguirão-se novos brindes, e no meio do geral entusiasmo o Illm. Sr. Innocencio Baptista de Siqueira Rego tomou a palavra, e recitou a seguinte poesia :

Não pôde pobre vate em som cadente  
Outros versos cantar d'inspiração,  
Senão os d'amizade n'este dia  
Nascidos d'um sincero coração.

Quizera, amigo-meu, altivo canto  
N'este dia á teus annos consagrar,  
Pois minh'alma se nutre do contento  
De, te vendo ditoso, te saudar !  
Dando grata expansão ao coração  
Que do amigo obteve a inspiração.

Quanto é doce gozar-se esta ventura  
Do mundo tão querida e desejada !  
Vêr o meu terno amigo venturoso  
Ao lado d'uma esposa idolatrada !  
Quanto é doce com versos sonorosos  
Saudar-te, amigo, os annos venturosos !

Quizera, como és, poeta ser  
Para grato cantar festivo dia,  
E nos versos sublimes que tu cantas  
Meu peito transbordar d'alma alegria !  
Então cantára o amigo primorado,  
Saudando o meigo par afortunado.

Mas sem o certo que posso que fazer posso  
Para o dia saudar dos annos teus ?  
Dou-te pobre cantor, dou-te, poeta,  
Dictames de minh'alma, affectos meus.  
Devo á tua amizade a inspiração,  
Por ella dou-te um abraço ao coração.

Um novo alynea teve lógar. Affirmo-vos que o entusiasmo era tal, que pouco faltou para que, tornando-me poetisa, com os demais convivas batesse palmas recitando tambem.

Coube porém essa ventura ao meu esposo, que recitou a seguinte poesia em retribuição aos seus amigos. Eil-a :

Transborde em rubros jorros o absynthio  
Dos pavimentos saturnaes lastrando  
D'inmundos corpos conspurcados n'ocio,  
Onde em volupias mordem-se os bacchantes  
Em fervidas orgias memorando  
Os natalícios seus, qu'ebrios saúdaõ:.....  
E ao retinir das taças dos demonios  
Nas lautas mesas d'infernal banquette,  
Onde os venães vampiros do ostracismo  
Convivas do terror, annos festejão,

Que o sangue em lavas transbordando espume !  
Q'EU junto a ti, VARGESIA, esposa, amiga,  
Longe das turmas que o prazer postergão,  
Pela aurea taça de teus labios sorvo  
Grato elixir que vivifica est'alma !

E a par de vós, que vos furtando aos gozos  
D'outros prazeres, me saudais os annos,  
Que o mundo inteiro siga a sorte d'esses  
Que amanhã hão de ter nossos suffragios ;  
Que se evapore a minha vida, eu quero  
A par de vós congratular meu fado !

E TU, Santa Mulher! Mãe da minh'alma,  
Que junto de teu filho, não vens hoje  
Com elle festejar o anniversario  
Dess'hora em que me deste a luz da vida ;  
Aceita, aceita, accita, accita est'alma  
Que pôde d'amizade entre os prazeres  
N'uni ai mandar-te o extremo da saudade !

Meu marido é mui bom filho !

No dia 26 do mez proximo passado o Illm. Sr. Tamarindo, digno commandante do 1.º batalhão de infantaria, mandou dizer uma missa por alma do official (sentimos não nos lembrarmos do seu nome) victima do naufrágio da *Pernambucana*. Este acto de religião, esta prova de amizade, este amor por seus officiaes, este exemplo dado pelo Sr. Tamarindo a todos os outros commandantes, forma o panegyrico do seu character, de sua alma, e de seu coração ! E pois, queridas leitoras, a vossa chronista, registrando mais este facto entre os da quinzena, tem a satisfação de, cumprimentando-vos, dizer-vos sem se affligir : — basta por hoje, e até mais ver.

Gervina N. P. dos S. N.

## CHARADA.

Sirvo na terra e no mar,  
No fogo sirvo tambem;                    1  
Eu estou em toda a parte,  
Porém ninguem me quer bem.            1

Sou palavra portugueza  
(Note bem p'ra não errar);  
E se eu for de certa ave,  
Sobre o throno me ha de achar.

D. Manuelita.

A decifração das charadas do n.º 44 é: 1.ª, Jacaré; 2.ª, Cavallo.

Acompanha este n.º 45 a estampa 167 de figurinos de passeio, meio toilette, e de menina.